



A dimensão afetiva na experiência do espaço urbano: investigações metodológicas

The affective dimension on the experience of urban space: investigation of methodologies

Natan Franciel Arend, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, natan.arend@hotmail.com

Andrea da Costa Braga, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, andrea.braga@ufrgs.br

Natan Franciel Arend, Arquiteto Urbanista, mestrando em Planejamento Urbano e Regional na UFRGS.

Andrea da Costa Braga, *Arquiteta Urbanista, pós-doutoranda em Planejamento Urbano e Regional na UFRGS.*

Resumo

Este artigo faz parte da construção do saber metodológico sobre as formas de capturar a dimensão afetiva do espaço urbano através da experiência, tema de minha dissertação, que se justifica pela urgência posta ao campo do Planejamento Urbano em atualizar suas práticas a fim de melhor articular a cidade construída (pausada no ritmo das construções) e as pessoas (avançando em velocidade vertiginosa), desenvolvendo estratégias que venham a englobar a questão da experiência como instrumento na ampliação da potência do espaço, promovendo elos afetivos entre as pessoas e o lugar, bem como promover uma “consciência urbana” como ação política embutida na própria experiência. O objetivo do artigo é fazer uma revisão bibliográfica sobre a descrição do fenômeno do movimento de corpos no espaço urbano. A meta é relacionar alguns conceitos depreendidos de autores que trabalhem dentro do escopo teórico metodológico de Sintaxe Espacial com os escritos sobre a teoria da deriva como método desenvolvida pelo grupo Internacional Situacionista (1958). A hipótese formulada é de que as estruturas topológicas que emergem das representações das derivas detém uma lógica espacial que pode ser comparada à estrutura de integração / segregação espacial ou de acessibilidade relativa da configuração espacial que podem ser capturadas através da metodologia da sintaxe espacial. Desta forma, seria possível identificar alguns padrões que informam relações afetivas desenvolvidas entre as pessoas e o lugar, através de processos exploratórios e subjetivos no movimento dos corpos na cidade, a fim de clarificar a questão da experiência no espaço urbano.

Palavras Chave: Deriva; Sintaxe Espacial; Experiência.

Abstract

This article is about the construction of the methodologic Knowledge an the ways of capturing the affective dimension of urban space through experience, subject of my dissertation, which is justified by the urgency imposed on urban planning in updating its practices in order to better articulate the built city (pause in the rhythm of the constructions) and people (advancing in dizzying speeds), developing strategies that would include experience as instrument of amplification of space's power, promoting affective links between people and place, as well as to promote an "urban Consciousness" as political action embedded in experience. The objective of this article is to review part of literature about the description of the phenomenon of movement of bodies in urban space. The goal is to relate some concepts detached of authors that works within the theoretical scope of Space Syntax with writings about the theory of derive as a method conceived by the International Situationists (1958).The hypothesis formulated is that the topological structure that emerges from representation of the derives holds a space logic that can be compared to the structure of spatial integration / spatial segregation or relative accessibility of the spatial configuration, that can be captured through the space syntax methodology. Thus, it would be possible to identify some patterns that inform affective relationships developed between people and place, through exploratory and subjective processes in the movement of bodies in the city, in order to better understand the question of experience in urban space.

Keywords: Derive; Spacial Syntax, Experience.

1. INTRODUÇÃO

A Experiência urbana, para o entendimento da pesquisa que está sendo desenvolvida em etapa de mestrado tem por base o pensamento de Lefebvre (2011), que afirma que o direito à cidade deve ser tomado como ação, ou práxis promotora do contato com a alteridade, permitindo a articulação e a integração do outro, a fim de constuir um novo tempo, um novo homem, para uma nova sociedade urbana. Por a apropriação acima do domínio do espaço como instrumento de luta política, ao exemplo das ocupações promovidas pelos secundaristas em escolas do ensino médio, que tomaram o espaço da universidade, em luta unificada contra medidas em vias de serem impostas pelo governo que propõem o congelamento dos gastos na educação nos próximos vinte anos. O processo de ocupações são meios subjetivos de inscrição de uma coletividade: os estudantes.

Os processos subjetivos são tomados como “maneiras pelas quais os indivíduos ou as coletividades se constituem como sujeitos” (Deleuze, 2000) donde a experiência desempenha importante momento para a constituição de um imaginário político comum. Dentro os inúmeros agenciamentos que compõem a experiência, para a pesquisa em curso, toma-se o agenciamento do espaço como foco do estudo. A constante dialética da experiência entre o corpo (pessoas) e a cidade construída produz elos afetivos entre a pessoa e o lugar, ou ambiente físico através da experiência pessoal; este conceito é posto pelo geógrafo Yi-fu Tuan no livro *Topofilia*, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente, abrindo uma nova corrente de estudos dentro do campo da geografia que valoriza a relação entre as pessoas e o espaço perpassando pela percepção, representação espacial, as culturas e as relações sociais. A associação de sentimentos com meio ambiente, segundo o autor, promove a ideia de lugar.

Torna-se necessário então, explorar as metodologias que buscam capturar a lógica espacial embutida na experiência do espaço urbano. O objetivo deste artigo é fazer uma revisão bibliográfica sobre a descrição do fenômeno do movimento de corpos no espaço urbano. A meta é relacionar alguns conceitos depreendidos de autores que trabalhem dentro de um escopo teórico metodológico de Sintaxe Espacial com os escritos sobre a “teoria da deriva” desenvolvida pelo grupo Internacional Situacionista (I.S., 1958). Logo, se apresenta como problema verificar se há relação entre os sistemas de descrição de corpos em movimento entre a metodologia da Sintaxe Espacial e as Derivas.

O movimento de corpos no espaço urbano é fonte de inúmeras abordagens e olhares tanto científicos quanto exploratórios ao longo dos tempos. Dentre as abordagens que se pretende analisar neste artigo, cabe destacar que, a Teoria do Movimento Natural (HILLIER et al., 1993) sugere que a configuração espacial (sistema que emerge, através da auto organização, das relações entre unidades espaciais), por si só é o principal gerador de padrões de movimento de pedestres, sendo possível capturar o fenômeno dinâmico - de movimento de corpos no espaço urbano - através da descrição e análise de atributos da estrutura do sistema espacial, depreendendo potenciais correlacionáveis a dados empíricos.

Por outro lado, a abordagem exploratória da Teoria da Deriva (I.S. 1958) se opõe às noções clássicas de viagem ou passeio, propondo a renúncia a qualquer motivação para o ato de deslocar-se, reivindicando a apropriação do espaço criando nele situações com o intuito de transformar o cotidiano convergindo a um “urbanismo unitário”. Os situacionistas sugerem ao indivíduo deixar-se levar pelas solicitações do próprio ambiente, propondo que existe um “relevo psicogeográfico”

(I.S. 1958) nas cidades. A teoria da deriva tem base empirista e propõe a captura do movimento de corpos através de um conjunto de práticas, valorizando a experiência dos sujeitos.

Psarra (2013) defende que a teoria da sintaxe espacial não tem potencial arquitetônico no sentido projetual, pois é uma teoria analítica, defendendo ainda que a construção do conhecimento acerca de um assunto deve beber de teorias analíticas com intersecção de outras que são generativas, explicativas e experimentais. Psarra defende uma abertura metodológica da sintaxe espacial para intersecção com outras metodologias de caráter exploratório, propondo uma leitura transversal acerca do fenômeno do movimento. Logo, torna-se necessário à investigação de novas maneiras de captura do movimento que venham a ser generativas, ou seja, propor questões, indagações com potencial arquitetônico, que se baseiem em métodos empíricos.

O artigo está dividido em duas partes: na primeira busca descrever a Teoria da Deriva (I.S., 1958) para então, na segunda parte verificar como a Sintaxe Espacial pode, através da medição de propriedades morfológicas da configuração espacial, indicar padrões de integração e segregação espacial ou acessibilidade relativa, subjacentes às escolhas individuais que permeiam as relações afetivas desenvolvidas através do processo exploratório das Derivas.

A hipótese formulada é de que as estruturas topológicas que emergem das derivas detêm uma lógica espacial que pode ser comparada à estrutura de integração / segregação espacial que emergem da continuidade de deslocamentos através da malha urbana como as derivas. Desta forma, seria possível identificar alguns padrões que informam relações afetivas desenvolvidas através de processos exploratórios e subjetivos no movimento dos corpos na cidade, pois a cidade “com seus edifícios e construções de todos os tipos são máquinas enunciativas. Elas produzem uma subjetivação parcial que se aglomera com outros agenciamentos de subjetivação.” (1998, GUATARI). Atenta-se que para o entendimento dessa pesquisa, o espaço é um dos inúmeros agenciamentos de subjetivação envolvidos na experiência e que não caberá aqui explorar a filosofia de Espinosa, onde os afetos tem papel central, visto que o artigo tem como objetivo desenvolver a parte metodológica da pesquisa.

2. MÉTODOS E REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

Através de uma revisão bibliográfica sobre a Teoria da Deriva, escritos pela I.S. em 1958, de leituras sobre a I.S. elaborados por Sadler, e das produções de mapas elaborados por Guy Debord sobre derivas realizadas em Paris e mapas de derivas realizadas por Theo Soares Lima no Centro de Porto Alegre, apresentados em dissertação para obtenção de título de Mestre em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do sul, busca-se encontrar na própria produção científica da Sintaxe Espacial possíveis correlações na descrição do fenômeno do movimento de corpos em deriva, elaborados por autores como Psarra, Baskoro e Kunio, Hillier, Langenfeld et al. e Kuliga et al., nos respectivos: *Beyond analytical Knowledge, Strolling Behaviour around the neighbourhood for leisure and Spatial configuration, The social logic of space, What syntax does not know e Aesthetic and emotional appraisal of the seattle public library and its relation to spatial configuration.*

3. A PSICOGEOGRAFIA E AS DERIVAS

A teoria da deriva desenvolvida pelo grupo Internacional Situacionista (I.S., 1958) tem caráter exploratório do espaço urbano, onde as deambulações e as observações compõem os

instrumentos metodológicos. Através então, da chamada psicogeografia definida pelos situacionistas como “o estudo dos efeitos específicos do ambiente geográfico, conscientemente organizado ou não, nas emoções e no comportamento dos indivíduos” (I.S., 1958) interpreta a noção de deriva como “aquilo que manifesta os efeitos emocionais diretos do ambiente geográfico” quase como numa conversa entre corpo e ambiente construído. Ou seja, parte do princípio de que o fenômeno real, a cidade, é indissociável da experiência de interação entre o corpo dos indivíduos e o espaço construído, que, a partir de restrições do ambiente aos deslocamentos e informações sensoriais captadas perceptivamente pelos indivíduos em deslocamento no espaço, produzem efeitos sobre o seu comportamento, modificando a própria experiência do indivíduo.

O produto de uma deriva pode ser uma cartografia que relata a própria experiência do percurso, muitas vezes usando bricolagens de mapas Euclidianos, de onde se depreende uma estrutura afetiva do espaço urbano (Figura 1). Segundo Basset (2004) a psicogeografia requer novas formas de cartografia que representem estados de consciência e sentimentos, bem como as unidades de ambiência a eles relacionados.

As representações da experiência da deriva (Figura 1) são elaboradas através de “plaques tournantes”¹ ou “unidades de ambiência” (Sadler, 1998), estipuladas de acordo com a exploração dos lugares, que acionam sensações e sentimentos que advêm da experiência do corpo em relação ao próprio espaço construído.

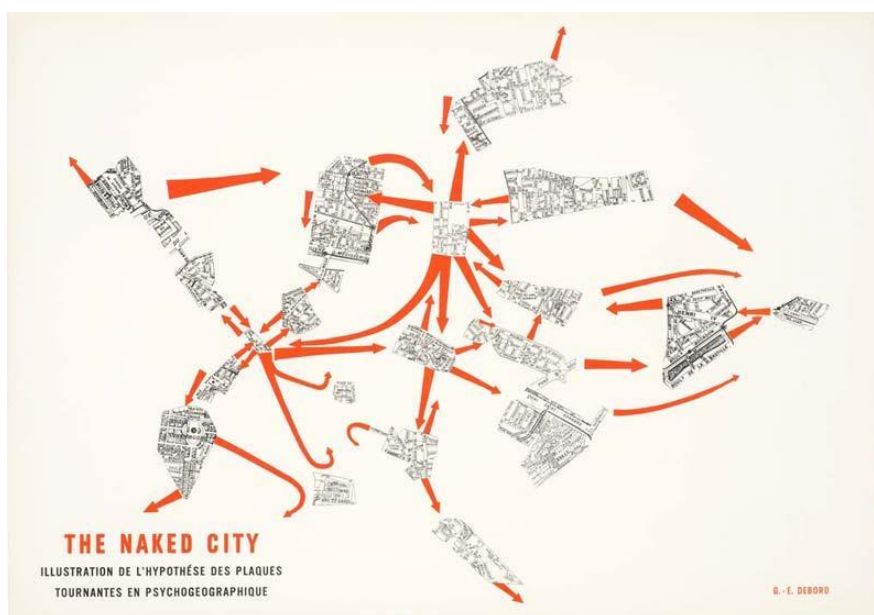


Figura 1: Fonte: DEBORD, Guy. Mapa psicogeográfico de Paris, op. cit., 1957. *Frac centre. Collection art et architecture, 1957.*

1 Tradução literal: placas rotativas, referindo-se aos sentidos do percurso e os lugares de origem - destino, donde a hierarquia (dinâmica) está relacionada às escolhas - conscientes ou não - do indivíduo em movimento.

Entre as unidades de ambiência representadas no mapa acima se reconhece claramente os Jardins de Luxemburgo, o eixo entre o Palácio Real ao Norte e a *Place de l'Institut* ao Sul com o Museu do Louvre ao centro, o quarteirão da igreja Saint-Merri, a rua do Sena, o *Boulevard Saint-Germain*. As setas em laranja são simbologias de pistas psicogeográficas. Sadler (1998) afirma que as setas representam tendências espontâneas de orientação de um sujeito, ou seja, deixa implícito que os percursos que emergem das derivas estão relacionados a diferentes atributos do espaço construído que informam comportamentos subjetivos. No caso da deriva descrita na Figura 1, nota-se que, a dimensão simbólica do espaço construído informa o comportamento derivante, conectando, no mesmo percurso, lugares simbólicos da história recente - as barricadas de maio de 1968 em Paris, das quais Guy Debord foi uma das figuras-chave do movimento.

3.1 O MÉTODO DAS DERIVAS

Nos escritos de Guy Debord (I.S. 1958) sobre as derivas, são expostas algumas indicações acerca do método empírico para realizá-las, enumeradas aqui de acordo com sua aparição no texto:

1. Pode-se derivar só, porém a divisão numérica de indivíduos mais indicada são grupos pequenos de duas ou três pessoas, pois em grandes grupos há tendência à fragmentação em grupos menores durante a deriva - donde se assume que as derivas pressupõe o compartilhamento da experiência por um coletivo reduzido;
2. Os indivíduos em deriva cheguem a um mesmo estado de consciência, isto é, bebendo na fonte do surrealismo, pressupõe-se que, o coletivo deveria compartilhar a alteração do estado de consciência que permitisse apreender de outra forma o espaço da cidade, possibilitando a sua apropriação diferenciada através da experiência do percurso, donde os estriamentos (Deleuze, 2008) dinâmicos tivessem a duração da experiência da deriva em si mesma e afastando-a das práticas cotidianas dos indivíduos envolvidos no processo;
3. As análises da deriva devem ser elaboradas em conjunto para conclusões mais coerentes - pressupõe que alguns atributos do espaço construído, capazes de acionamento afetivo em mais de um indivíduo, podem ser considerados universais, coerentemente com os desenvolvimentos teóricos da psicologia (PIAGET) sobre a percepção do espaço;
4. A duração de uma deriva teria o intervalo compreendido entre dois períodos de sono, indicando que as últimas horas da noite não são indicadas para a prática da deriva, e que muitas vezes o cansaço possa ser um motivo de desistência ou fim de uma deriva - informando que a exploração de atributos afetivos do espaço construído situa-se no campo das experiências excepcionais, não cotidianas, mas não desprovidas de objetivo;
5. As influências climáticas sobre a deriva não são determinantes, onde se indica que precipitações podem inclusive ser propícias - indicando que a produção do espaço afetivo está relacionada a todos os fatores sensoriais implicados no deslocamento e que o fenômeno do movimento de indivíduos está diretamente relacionado às condições ambientais encontradas ao longo do percurso;
6. O campo espacial da deriva será mais ou menos vago ou preciso, dependendo do propósito reforçando que a percepção do ambiente define os limites para a experiência, sugerindo que as derivas emergem fronteiras simbólicas na cidade, o que possibilita a sua recomposição em territórios afetivos representados pelas unidades de ambiência;

7. Pode-se ter a necessidade de pegar um taxi, para fins de desorientação, por exemplo, 20 minutos a oeste, o que reforça a noção de que a orientabilidade, um dos universais perceptivos informado pela geometria do espaço construído, deve ser superada com o intuito de capturar outras informações sensoriais relacionadas à dimensão afetiva do espaço;

8. A extensão máxima de uma deriva não supera as delimitações de uma cidade e suas adjacências - as derivas estão relacionadas à experiência do movimento na cidade, sendo limitadas, portanto, ao espaço urbanizado;

9. A extensão mínima pode se reduzir a apenas uma unidade de ambiência, ou pode ser estática, como exemplo sem sair de uma estação de transbordo, indicando que o método pode ser aplicado ao espaço arquitetônico independente da escala;

10. O participante é convidado a dirigir-se em hora e local definido, podendo ou não ignorar os convites realizados com antecedência, o que pressupõe que as derivas são experiências compartilhadas não hierárquicas, onde a posição de centralidade (convocação para a experiência) e a composição (participantes) não infere uma posição de ordenação ou controle da experiência;

11. Nas unidades de ambiência plaques tournantes, podem ser reconhecidos seus componentes de localização espacial, eixos de caminhada, suas saídas e suas defesas - donde a importância da iconografia ou cartografia resultante. O mapeamento é parte integrante do processo, cujo objetivo original era revolucionário, podendo-se inferir das palavras empregadas pelo autor que a continuidade dos percursos, as conexões com outras plaques tournantes e, sobretudo as defesas (barreiras entre diferentes ambientes) que a informação perceptiva - afetiva e simbólica - coletada nas derivas tinham como objetivo o aperfeiçoamento de táticas (CERTEAU, 1994) de ação social e política.

O caráter exploratório das derivas é limitado por um conjunto de regras que podem estabelecer o simulacro para um método científico, ou pelo menos, passíveis de teste científico como, por exemplo, o trabalho de dissertação de Theo Soares de Lima (PÓSGEA / UFRGS, 2015) que aplica a noção de plaques tournantes ao centro da cidade de Porto Alegre / RS com intuito de depreender estruturas afetivas do espaço.

As unidades de ambiência são descritas na dissertação, em tópicos como, por exemplo, a placa central, onde se encontra o largo Glênio Peres e o Mercado Público de Porto Alegre: “Ambos são uma mescla de serviços e de quem lhes faz uso, caos típico do pluralismo pós-moderno: lócus de convívio entre temakis e pastéis, entre sobrados e arranha-céus, entre gravatas e chinelos.” (Soares de Lima, 2015). A adição do conteúdo representativo nas experiências é recurso acionado pelos situacionistas na descrição ou narração das derivas, indicando que a percepção de lugares está relacionada não só ao espaço construído, mas aos atores sociais e seus comportamentos no espaço que escapam das representações cartográficas.

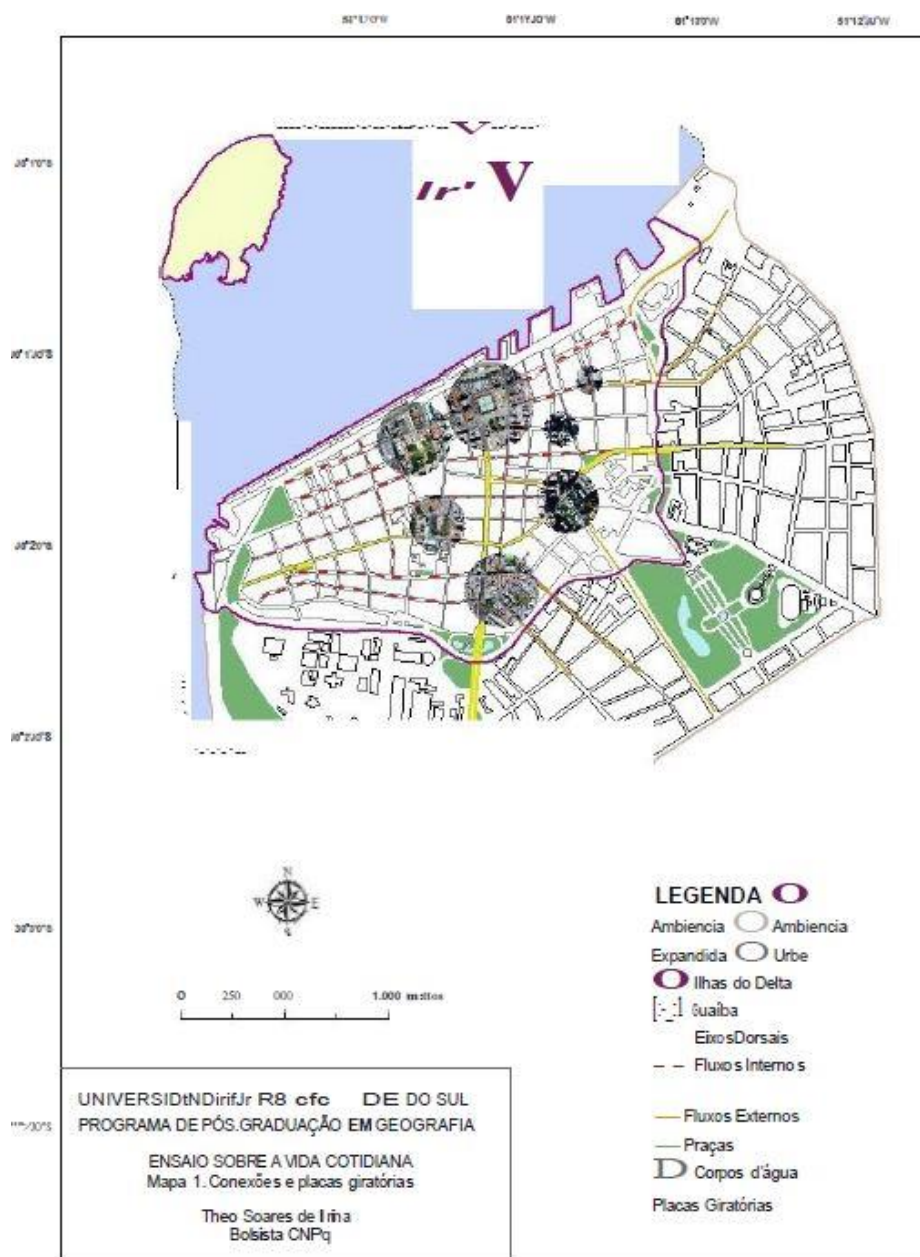


Figura 2: Unidades de ambiência, Centro de Porto Alegre. FONTE: SOARES DE LIMA, Theo. OP. CIT., 2015, P. 82.

Pode-se considerar que a iconografia das derivas sugere uma organização do espaço numa rede, onde as placas tournantes são os nós e as setas indicam as conexões direcionais entre os diferentes lugares (ambientes notáveis ao longo dos percursos) organizada de forma hierárquica por atributos afetivos e simbólicos compartilhados por um coletivo também organizado como uma rede social dinâmica.

4. SINTAXE ESPACIAL

A Sintaxe Espacial é uma teoria que a partir um conjunto de métodos e técnicas descritivas do espaço construído ou da Arquitetura, permite a análise sistêmica da dimensão espacial de fenômenos sociais como o movimento, capturando a lógica social do espaço, ou seja, os modos como padrões espaciais podem carregar em si informações sobre organização e comportamentos sociais. Não cabe ao objetivo deste artigo fazer uma revisão sobre a construção epistemológica da teoria e sim sua aplicabilidade em estudos urbanos, com o objetivo de investigar as relações transversais com outras dimensões da produção e apropriação social do espaço, tais como a afetiva, proposta nas derivas situacionistas.

As propriedades morfológicas de um sistema espacial são descritas a partir da decomposição em uma dimensão - mapa axial -, em duas dimensões - mapa de espaços convexos - ou três dimensões - isovistas -, que capturam diferentes estruturas de organização do espaço. Os mapas axiais são vetoriais (linhas), compostos a partir da menor quantidade de linhas retas que atravessam o maior número de espaços convexos sem interrupções ou mudanças de direção desenhadas nas direções dos “caminhos de direito” (Baskoro e Kunio, 1999). Caminhos de direito são ruas, calçadas e praças da cidade onde há o direito de livre acesso garantido por lei, ou seja, são os espaços públicos por onde se passa para ir de um lugar a outro. Sua estrutura captura continuidade espacial que pode ser modelada topologicamente (modelagem axial) ou como rede (incluindo componentes de navegabilidade).

A medida de integração na Sintaxe Espacial, é uma medida ponderada entre 0 e 1, onde valores baixos indicam que o espaço é mais raso, ou de maior acessibilidade relativa e valores altos significam que o espaço é mais profundo em relação a todos os outros, tendendo à segregação. Espaços mais rasos traduzem maior potencial de encontros aleatórios entre pessoas, além de ter maior possibilidade de visita ou passagens em uma **jornada exploratória** (Hillier, 1993, grifo nosso). A iconografia de medidas de integração é traduzida numa escala cromática onde as cores mais quentes representam maior integração e mais frias, maior segregação. Exemplificando-se a iconografia de uma modelagem de integração global axial, exibe-se o mapa de Paris (FR) elaborado pelo *Space Syntax Laboratory*, no qual se demarcam as plaques tournantes da Figura 1.



Figura 3: Paris: Integração axial Global (HHRn) Fonte: MEDEIROS, op. cit., 2006, ©Space Syntax Laboratory, UCL.

Após esta breve apresentação das técnicas de análise da configuração espacial e sua representação, buscaram-se leituras transversais na própria produção científica da sintaxe espacial que fosse possível relacionar à captura do movimento de corpos na cidade tendo como foco comportamentos similares às derivas.

Baskoro e Kunio (1999) ao analisarem o comportamento peripatético (*strolling behaviour*) - caminhar a esmo - como forma de lazer, em dois bairros nas cidades de Osaka e Bandung, cidades japonesas concluem que: a) espaços com maior comprimento axial promovem grande acessibilidade visual ao ambiente, o que está correlacionado com o maior número de pessoas com “comportamento peripatético”; b) espaços que são mais integrados no bairro (localmente), os quais se assume que promovem maior acesso visual e exposição a outras pessoas, também se correlacionam ao alto número de pessoas com o comportamento peripatético. A metodologia do estudo consiste: a) na observação empírica direta e aleatória durante 30 dias, entre seis da manhã e seis da tarde; b) Identificação do comportamento peripatético através da coleta de dados empíricos de linguagem corporal para distingui-lo de outros transeuntes movimentando-se em suas práticas cotidianas (vestimentas, velocidade de locomoção, variedade de ângulos cujo olhar é direcionado); c) seleção de 1 indivíduo que foi seguido interruptamente ao longo de sua “deriva” e sujeito a uma entrevista informal ao final do processo indagando sobre tempo de passeio,

frequência e rota adotada; d) correlação entre os dados coletados empiricamente e medidas sintáticas obtidas da configuração espacial das cidades e seus bairros (Figura 4).

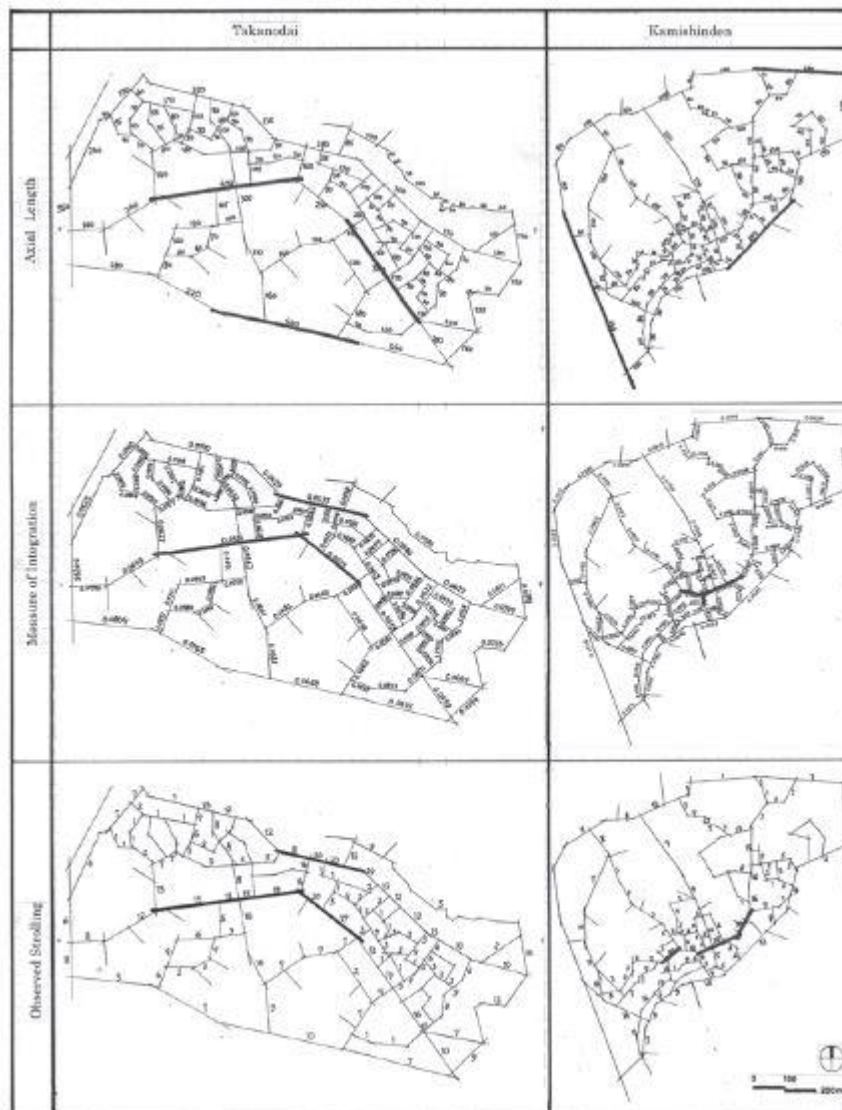


Figura 4: Correlação entre potenciais de movimento e movimento medido empiricamente. Fonte: BASKORO & KUNIO, op. cit. 1999, p. 37.8

Os autores obtiveram correlações robustas entre “comportamento peripatético” e medidas configuracionais, concluindo que a medida de integração que informa diferenças de potenciais de movimento através da malha urbana informa o comportamento peripatético ou deambulatório nos deslocamentos não programados.

Langenfeld et al (2013) apresentam resultados de experimentos realizados em realidade virtual que testaram o relativo impacto que as propriedades sintáticas e a atratividade perceptual tem na

predição do uso dos espaços pelas pessoas, e concluem que as escolhas de rotas revelam um complexo padrão de influências do ambiente e do indivíduo nos padrões de movimento, sugerindo que as propriedades morfológicas da configuração espacial informa o comportamento exploratório no espaço.

Tanto a própria afirmação de Hillier sobre jornadas exploratórias quanto os estudos de Baskoro e Kunio (1999) e de Langenfeld et al. (2013), confirmam a hipótese levantada sobre a relação entre padrões de integração espacial e a organização das deambulações constantes na teoria da Deriva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo das referências bibliográficas sobre estas duas metodologias que descrevem o fenômeno dos corpos em movimento nas cidades, corrobora-se a hipótese levantada, pois a medida de integração extraída da configuração espacial com a metodologia da sintaxe espacial é coerente com a organização hierárquica de uma jornada exploratória do espaço da cidade, como a deriva representada em Naked City (Figura 1).

As unidades de ambiência representadas nos mapas das derivas de Guy Debord e Theo Soares Lima podem indicar de certa forma um padrão exploratório-espacial, ou seja, uma unidade espacial com características subjetivas que estão correlacionadas com o espaço a ponto de uma unificação representativa de lugares que se relacionam a diferenças percebidas no comportamento de indivíduos no espaço, na arquitetura das edificações, na intensidade e forma da copresença, na maior ou menor diversidade de atores sociais.

As relações entre as unidades de ambiência que são simbolizadas por setas nos mapas das derivas reproduzem o que pode ser comparado na iconografia da Sintaxe espacial as linhas axiais, ou seja, possibilidades de movimento através, porém, as setas, ao contrário das linhas axiais da sintaxe espacial, não representam unidades espaciais localizáveis e sim potenciais de movimento. Na teoria da deriva, o enfoque não está no espaço, mas sim na experiência em si que é fonte norteadora da própria representação e da metodologia.

A continuação dos estudos sobre a experiência no espaço urbano encontra na combinação da metodologia da Sintaxe espacial com as representações gráficas da metodologia da teoria da deriva, uma maneira eficaz de análise científica e captura dos afetos entre as pessoas e o espaço. Onde a dimensão afetiva representada através da cartografia da deriva, que mesmo não sendo uma reprodução exata do ambiente construído, possui base euclidiana de onde se pode verificar a estrutura dos espaços afetivos através do instrumental teórico da Sintaxe.

A experiência, tomada como caráter político, tem o poder de ultrapassar limites impostos pelo capital criando novas circunscrições sócias baseadas em redes informacionais, se constituindo como dinâmica de novas práticas sociais, que possibilita ao planejamento urbano a criação de novas unidades espaciais, bem como oportunizando o aprimoramento sobre o entendimento a cerca dos afetos que o espaço produz como subjetivação parcial durante a experiência. A mudança nas bases ideológicas do planejamento urbano podem ser instrumentos que venham a fortalecer o contato com a alteridade, gerando e promovendo elos afetivos entre as pessoas, entre as pessoas e a cidade, de forma a gerar uma consciência urbana unificada pela diferença, pelo conflito.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASKORO, Tedjo, KUNIO F. Strolling Behaviour around the neighbourhood for leisure and Spatial configuration. *Proceedings of Second Space Syntax International Symposium*. Brasília, 1999.

BASSETT, Keith. 'Walking as an Aesthetic Practice and a Critical Tool: Some Psychogeographic Experiments'. *Journal of Geography in Higher Education* 28 (3): 397-410, 2004.

DEBORD, Guy. *The naked city 1957*. Disponível em: <<http://www.frac-centre.fr/collection-art-architecture/debord-guy/the-naked-city-64.html?authID=53&ensembleID=705>> Acessado em Julho de 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

HILLIER, Bill; HANSON, J. *The social logic of space*. Londres: Cambridge University Press, 1984, 280p. pp

HILLIER, et al. Natural movement: or, configuration and attraction in urban pedestrian movement. *Environment and Planning B: Planning and Design*, v. 20, n. 1, p. 29 -66, 1993.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. *Deriva, psicogeografia e urbanismo unitário*. Erahsto Felício, organização. Porto Alegre, Deriva, 2007.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. 'Definitions'. In KNABB, Ken (ed.) *Situationist International*. Anthology. Revised and expanded edition. Berkeley, EUA: Bureau of Public Secrets, 2006.

KULIGA, et al. Aesthetic and emotional appraisal of the seattle public library and its relation to spatial configuration. In *Proceedings of the Ninth International Space Syntax Symposium*, Seoul, 2013.

LANGENFELD, et al. What syntax does not know. In *Proceedings of the Ninth International Space Syntax Symposium*, Seoul, 2013.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2011.

MEDEIROS, V. A. S. Sintaxe Urbana: Parâmetros disciplinares. *Plano de curso*. Lisboa, 128 slides. Apresentação. URL: <http://in-learning.ist.utl.pt/SU/imagens/SU%20%2002%20%20Par%C3%A2metros%20Disciplinares.pdf>. Acessado em: Agosto de 2016.

PSARRA, Sophie. Beyond analytical Knowledge. In: *Proceedings of the Ninth International Space Syntax Symposium*, Seoul, 2013.

SADLER, Simon. *The Situationist City*. Cambridge, MA e Londres: The MIT Press, 1998.

SOARES DE LIMA, Theo. *Ensaio sobre a vida cotidiana. Passos e tropeços de uma pesquisa psicogeográfica*. Porto Alegre: POSGEA/UFRGS, Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, 2015.146p.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.